

As grandes enchentes e o processo de reestruturação produtiva na ampliação das desigualdades socioespaciais em Blumenau-SC no final do século XX

Donizete Correa Franco Pires

Resumo

Durante as duas últimas décadas do século XX, Blumenau, uma cidade industrial de médio porte, enfrentou eventos socioambientais significativos, como as grandes enchentes de 1983 e 1984 e a enxurrada de 1990, que impactaram gravemente a população e os setores habitacional e industrial. Simultaneamente, o Brasil transitava de um regime autoritário para uma democracia. A economia brasileira foi submetida a princípios neoliberais, com os quais se buscava restaurar taxas de lucro e reestruturar a produção industrial. Face a esse cenário, o presente artigo tem por objetivo investigar as repercussões socioespaciais das grandes enchentes e do processo de reestruturação produtiva no final do século XX em Blumenau. A metodologia envolve análises bibliográficas e a coleta de dados estatísticos e censitários. Além disso, imagens e mapas foram incluídos, complementando os materiais levantados. Os resultados revelam que o processo de reestruturação produtiva e os eventos socioambientais adversos ampliaram as desigualdades socioespaciais e o processo de segregação socioespacial em Blumenau.

Palavras-chave | Blumenau; desigualdades socioespaciais; enchentes; reestruturação produtiva; segregação socioespacial.

Classificação JEL | O15 Q54 R11

The major floods and the process of productive restructuring in the widening of socio-spatial inequalities in Blumenau/SC at the end of the 20th century

Abstract

During the last two decades of the 20th century, Blumenau, a medium-sized industrial city, faced significant socio-environmental events, such as the major floods of 1983 and 1984 and the flash flood of 1990, which severely impacted the population and the housing and industrial sectors. At the same time, Brazil was transitioning from an authoritarian regime to a democracy.



The Brazilian economy was subjected to neoliberal principles, which sought to restore profit rates and restructure industrial production. Given this scenario, this article aims to investigate the socio-spatial repercussions of the major floods and the process of productive restructuring at the end of the 20th century in Blumenau. The methodology involves bibliographic analyses and the collection of statistical and census data. In addition, images and maps were included to complement the materials surveyed. The results reveal that the process of productive restructuring and adverse socio-environmental events have widened socio-spatial inequalities and the process of socio-spatial segregation in Blumenau.

Keywords | Blumenau; floods; productive restructuring; socio-spatial inequalities; socio-spatial segregation.

JEL Classification | O15 Q54 R11

Las grandes inundaciones y el proceso de reestructuración productiva en la expansión de las desigualdades socioespaciales en Blumenau-SC a finales del siglo XX

Resumen

Durante las dos últimas décadas del siglo XX, Blumenau, ciudad industrial de tamaño medio, enfrentó acontecimientos socioambientales significativos, como las grandes inundaciones de 1983 y 1984 y la inundación de 1990, que impactaron gravemente a la población y a los sectores de vivienda e industrial. Al mismo tiempo, Brasil pasaba de un régimen autoritario a una democracia. La economía brasileña fue sometida a principios neoliberales, con los cuales se buscaba restaurar las tasas de ganancia y reestructurar la producción industrial. Ante a este escenario, el presente artículo tiene como objetivo investigar las repercusiones socioespaciales de las grandes inundaciones y del proceso de reestructuración productiva de finales del siglo XX en Blumenau. La metodología incluye análisis bibliográficos y la recopilación de datos estadísticos y censales. Además, se incluyeron imágenes y mapas que complementan los materiales recopilados. Los resultados revelan que el proceso de reestructuración productiva y eventos socioambientales adversos aumentaron las desigualdades socioespaciales y el proceso de segregación socioespacial en Blumenau.

Palabras clave | Blumenau; desigualdades socioespaciales; inundaciones; reestructuración productiva; segregación socioespacial.

Clasificación JEL | O15 Q54 R11

Introdução

A estabilidade econômica percebida na década de 1960 nos países centrais industrializados se desfez com o impacto do embargo nos cartéis de petróleo, sucedendo-se numa inevitável crise financeira, que rompeu com o ritmo econômico até então ascendente. Trouxe, com ela, o desemprego, desindustrialização e descentralização industrial, austeridade fiscal, inflação, o neoconservadorismo e um

apelo muito mais forte à racionalidade da liberdade de mercado e da privatização por conta da insegurança em relação à atuação e intervenção públicas (Harvey, 1996). O cenário mundial de insegurança política e econômica do final da década de 1970 e início da de 1980 é marcado pelo período de reestruturação regulatória no capitalismo e pela crítica ao Estado de bem-estar social (Harvey, 2008; Brenner, Peck e Theodore, 2012). Assim, a crise global das últimas três décadas do século XX mostra sua dramaticidade expressa nas possibilidades de regressão social.

No espaço social produzido por estas oscilações e incertezas, novas formas de experiência e domínios de organização industrial e social começam a tomar forma, configurando a transição de um sistema de acumulação para outro. Uma dessas formas é o que Harvey (1996, p. 140) denominou como “acumulação flexível”, que representa “a flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo”, resultando no desenvolvimento rápido e desigual de diversas indústrias, incluindo regiões geográficas e emprego, a partir dos quais é criado o chamado “setor dos serviços”.

Trata-se de um modelo de crescimento capitalista adotado pela maioria dos países do capitalismo periférico, que, somado à explosão demográfica, resultaram num crescimento acelerado da população urbana e concentração de riqueza e pobreza nas cidades (Santos e Silveira, 2001). Além disso, há uma tendência do capital moderno de suprimir o seu adiantamento, onde o pagamento dos trabalhadores dependerá diretamente dos resultados das vendas dos produtos-mercadorias (Harvey, 1996). Nas formas de terceirização do trabalho precário e do informal está uma mudança radical na determinação do capital variável. Assim, por estranho que pareça, conforme Oliveira (2003), os rendimentos dos trabalhadores dependem, em um regime neoliberal, da realização dos valores das mercadorias, o que não ocorria antes.

A adaptação das empresas brasileiras ao modo de produção flexível e ao mercado globalizado, na chamada inserção competitiva, gerou uma reestruturação produtiva (Harvey, 1996), diretamente influenciada pelos fatores externos e pelas políticas públicas ditadas pela lógica neoliberal, culminando em processos de descentralização e desindustrialização, por exemplo (Filgueiras, 2006). Os preceitos dessa lógica se deram nos mais variados campos, principalmente da política, do trabalho e da economia. Assim, frente a estes fenômenos, se “o ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço” e se o “espaço social não pode ser explicado sem o tempo social” (Santos, 1980, p. 206), as dinâmicas socioespaciais também ficam sujeitas a modificações.

No campo da pesquisa nacional, essas repercussões, na dinâmica socioespacial, são corroboradas por Ferreira (2003, p. 112), quando afirma que para as cidades brasileiras, com “a chegada das possibilidades econômicas neoliberais associadas à chamada ‘globalização’ no Brasil, não há inflexão, mas apenas a continuidade da desigualdade já existente”. Com base nessas colocações, adotou-se como objetivos

neste artigo: 1) analisar as repercussões socioespaciais decorrentes do processo de reestruturação produtiva em Blumenau, município industrial de médio porte localizado em Santa Catarina, e, concomitantemente, 2) investigar o papel dos eventos socioambientais adversos enfrentados pelo município no final do século XX nesse processo, como as grandes enchentes de 1983 e 1984 e a enxurrada de 1990, que ocorreram simultaneamente ao processo de reestruturação produtiva.

Localizada no Vale do Itajaí, Blumenau possui 361.261 habitantes, sendo a terceira cidade mais populosa do estado e a oitava da Região Sul (IBGE, 2022). A cidade é dividida em cinco grandes regiões intraurbanas: norte, sul, leste, oeste e central. Em termos geomorfológicos, é “cortada” em sua metade pelo rio Itajaí-Açu e composta por montanhas que delineiam sua paisagem (Pires, 2024).

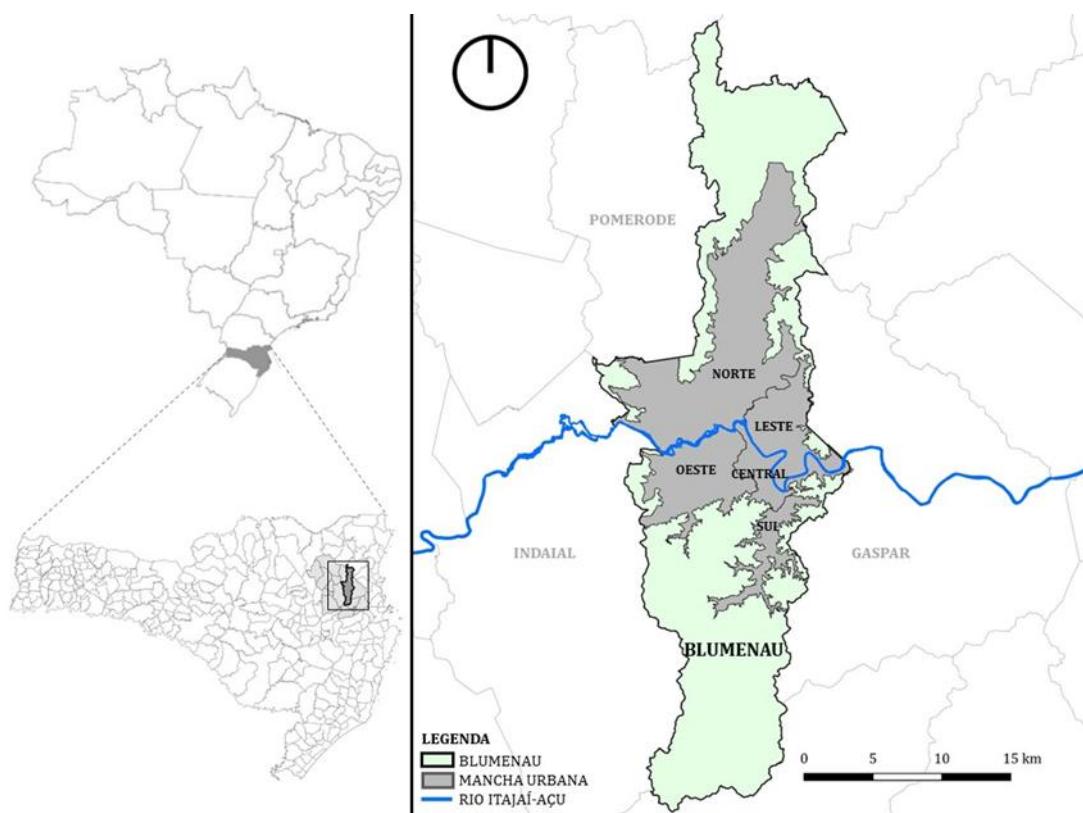


Figura 1 – Localização da cidade de Blumenau

Fonte: Pires (2024).

As grandes enchentes de 1983 e 1984

Em julho de 1983 e agosto de 1984, Blumenau enfrentou duas das maiores enchentes de sua história, quando o nível do rio Itajaí-Açu ultrapassou a marca de 15 metros acima de seu nível normal. A repercussão socioespacial da enchente de 1983 foi bastante significativa, que afetou cerca de 70% da população e provocou

“uma modificação profunda no modelo de urbanização de Blumenau” (Siebert, 1999, p. 95). Nesse mesmo período, correspondente ao primeiro quinquênio da década de 1980, o Estado brasileiro passava por um importante período de transição em seu cenário político-administrativo. A política habitacional em vigor na época, promovida pelo Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (Serfshau) e pelo Banco Nacional da Habitação (BNH), tinha como principal foco a produção de moradia para as famílias de média e alta renda, reservando pouco espaço para as camadas de mais baixa renda em sua agenda (Maricato, 1982).



Figura 2 – Enchente de 1983 em Blumenau

Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau.

Parte significativa da população de Blumenau teve suas casas total ou parcialmente destruídas pelas enchentes, o que levou à prefeitura municipal de Blumenau (PMB) a improvisar diversos abrigos temporários para comportar os milhares de desabrigados e desalojados. Além da moradia, outros setores também foram significativamente afetados pelas grandes enchentes: 41% das indústrias, 49% do comércio e 60% da prestação de serviços (Siebert, 1999). Observou-se também um significativo processo de descentralização das indústrias promovido pelo processo de reestruturação produtiva na cidade, que, já afetadas pela crise econômica, sofreram também com o impacto das enchentes em sua estrutura e consequentemente em seu processo de produção (Siebert, 1999; Barreto, 2001).

Política habitacional e repercussões das grandes enchentes no setor da moradia

Em 1981, quatro anos após a divulgação do primeiro Plano Diretor do município, a PMB divulgou seu plano inicial de produção de habitação social em Blumenau, o Plano Habitacional 1 (PH1). O PH1 tinha como finalidade oferecer às camadas populares 757 moradias, produzidas em terrenos baratos e dotados de infraestrutura, próximos às indústrias e que fossem servidos de transporte coletivo (Vidor, 1995). No entanto, os terrenos propostos pelo PH1 para serem ocupados pela população de baixa renda estavam todos distantes da região central, onde se concentravam as melhores infraestruturas e serviços urbanos (Figura 3), indo na contramão do seu principal objetivo: construir habitação social em terrenos em consonância com a estrutura urbana, de maneira que contribuísse para o processo de ordenamento da ocupação do solo (Vidor, 1995; Pires, 2024).

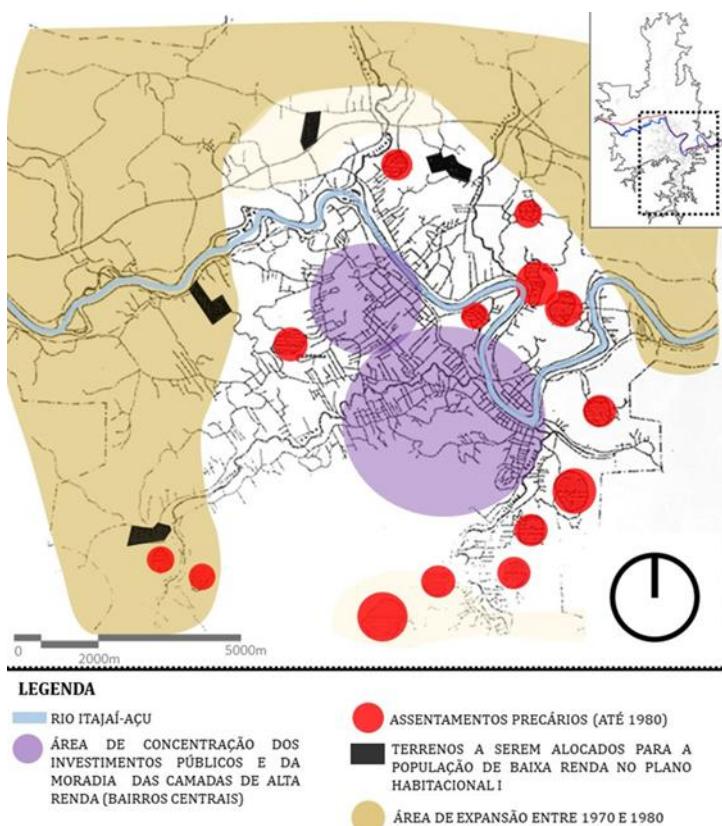


Figura 3 – Localização dos assentamentos precários até 1980 e dos terrenos previstos no PH1

Fonte: Pires (2024).

Ainda que fora da região central, os terrenos escolhidos pelo PH1 ao menos estavam localizados em áreas planas, livres do risco de enchente e de deslizamento de encostas (Vidor, 1995). Em 1982, o Conselho Nacional de Desenvolvimento

Urbano (CDNU) liberou verba para a execução do primeiro loteamento previsto pelo PH1, “mas nem este, nem os outros foram jamais executados!” (Vidor, 1995, p. 195).

Sem política habitacional que atendesse às suas necessidades, as camadas de mais baixa renda se viram sem – ou com poucas – alternativas frente as adversidades impostas pelas enchentes de 1983 e 1984 (Peschke, 1992). A precariedade e a lotação dos abrigos destinados aos atingidos pelas cheias, combinadas com a ausência de poder político e econômico dessas camadas sociais para a aquisição de moradia por meio do mercado imobiliário “regular” obrigou muitas famílias de baixa renda a ocuparem áreas ociosas e livres de enchente, sobretudo, em direção ao norte do município. Algumas dessas áreas, como o assentamento Horto Florestal (Figura 4), foram destinadas à parte dessa população pelo próprio poder público municipal, ainda que por meio de práticas claramente clientelistas (Peschke, 1992).

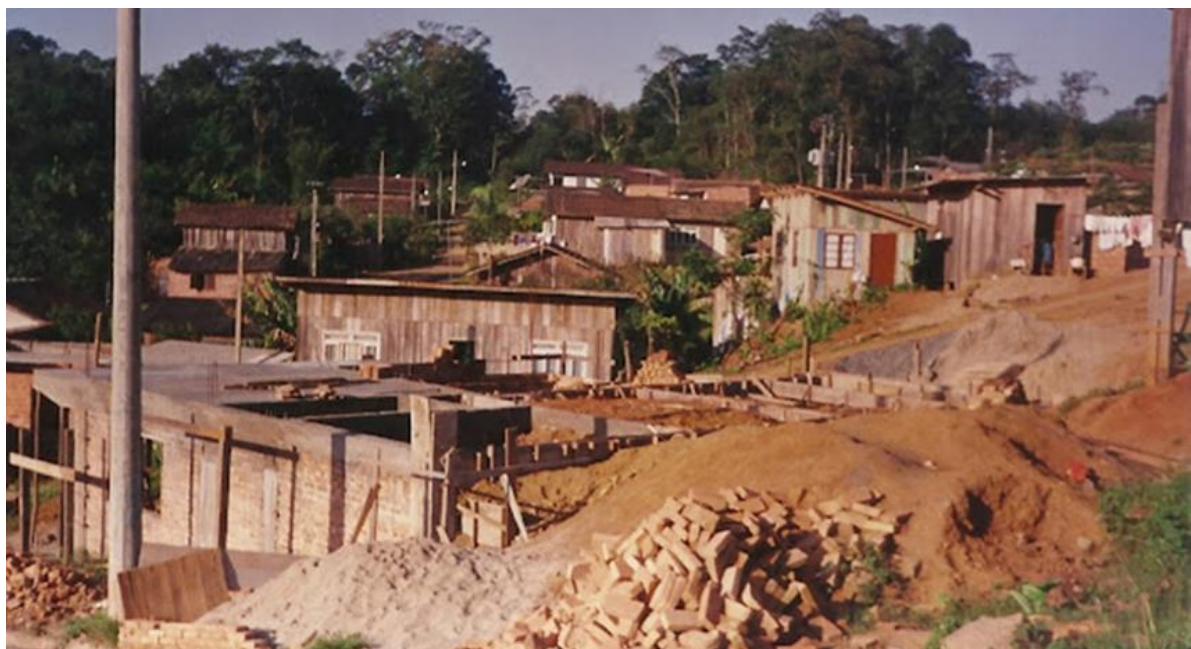


Figura 4 – Assentamento precário Horto Florestal, 1994

Fonte: Acervo Angelina Wittmann.

Enquanto as famílias afetadas enfrentavam dificuldades para obter apoio do Estado e superar os prejuízos das enchentes, o mercado imobiliário aproveitava a oportunidade para aumentar os preços dos terrenos em áreas não alagáveis. Conforme Barreto (2001, p. 50), até mesmo os topos de morro, antes ocupados predominantemente pelas camadas populares, passaram a ser valorizados e “os aluguéis de apartamentos e residências localizados nas regiões mais altas da cidade sofreram uma elevação assustadora”.

Além das grandes enchentes, uma enxurrada em outubro de 1990 devastou parte da região sul de Blumenau, especialmente os assentamentos precários em encostas de morros nos bairros Garcia, Glória e Progresso (Figura 5). Cerca de seis mil pessoas foram diretamente afetadas, 22 morreram e 67 deslizamentos de encostas foram registrados. As moradias atingidas, “em sua absoluta maioria, constituíam ocupações ilegais em áreas de preservação permanente” (Siebert, 1999, p. 103).



Figura 5 – Enxurrada na região sul de Blumenau, 1990

Fonte: Acervo Jornal de Santa Catarina.

A ocupação na região norte do município, até então relativamente pouco habitada e composta por amplas terras ociosas, planas e livres de enchente (Back, 2004), foi a alternativa encontrada pela maioria da população de baixa renda atingida pelas grandes enchentes e pela enxurrada de 1990. Após sucessivas ocorrências socioambientais, a população da região sul sofreu significativa queda, em relação ao total do município, entre 1980 e 2000: reduziu de 25,55% em 1980 para 21,03% em 1991 e para 16,56% em 2000. A população da região norte, por outro lado, aumentou significativamente, passando de 12,26% em 1980, para 24,88% do total do município em 2000, o que se refletiu também no número de domicílios, que passou de 11,86% do total para 23,84% (Pires, 2024).

Para se ter um panorama desse processo, entre 1980 e 1999, o número de assentamentos precários subiu de 14 para 31, 17 a mais do que havia em 1980, um aumento de 121% (Pires, 2024). Desses novos assentamentos, 13 deles estavam na porção norte do rio Itajaí-Açu, ou seja, 76,47% do total. Assim, o número de assentamentos precários, que já era expressivo na porção sul do rio Itajaí-Açu, se repetiu e se reproduziu em direção ao norte. O estabelecimento de boa parte desses novos assentamentos precários, sobretudo nas regiões norte e oeste, predominantemente rurais até a década de 1980, resultou em um significativo

aumento de 7,8% da população rural entre 1980 e 1991, que vinha sendo reduzida desde a década de 1950. Entre 1980 e 1991, a população rural de alguns setores da região norte ultrapassou a marca de 200%. Em alguns setores da região oeste esse crescimento foi significativamente maior, atingindo a marca de 859,18% no setor 9, que corresponde ao atual bairro Velha Grande, detentor do menor rendimento nominal médio do município em 2000 e 2010 (Pires, 2024).

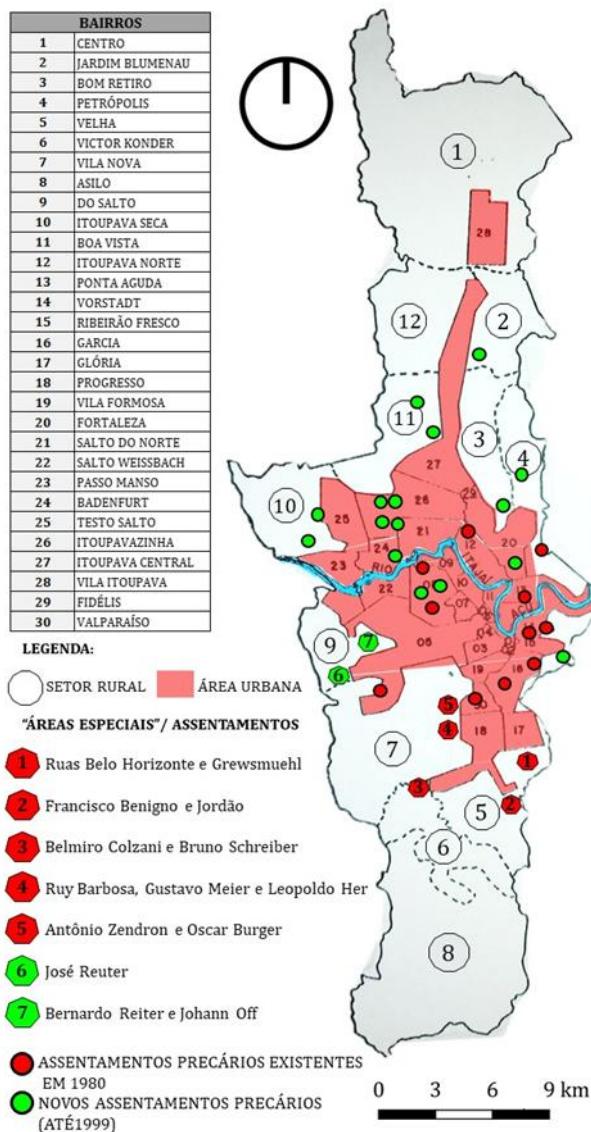


Figura 6 – Assentamentos precários em Blumenau até 1999

Fonte: Pires (2024).

Embora a região central de Blumenau tenha sido significativamente atingida pelas grandes enchentes – mas não pela enxurrada de 1990 –, a verticalização promovida e intensificada pela Lei nº 2242/77 (Blumenau, 1977), que instituía o código de zoneamento e de uso e ocupação do solo do município, de certo modo amenizou

os efeitos das cheias para as camadas sociais que nela residiam. Algumas intervenções na região central aconteceram imediatamente após a enchente de 1983: mesmo sem a aprovação do legislativo, os bairros centrais tiveram seus índices urbanísticos alterados devido à pressão imobiliária e rapidamente se verticalizaram (Tapia, 1993; Siebert, 1999).

Contrário ao que aconteceu com a população de baixa renda, que teve que se deslocar para outras regiões da cidade para fugir de futuras enchentes e deslizamentos de encostas, as camadas de alta renda puderam permanecer onde historicamente predominaram: na região central.

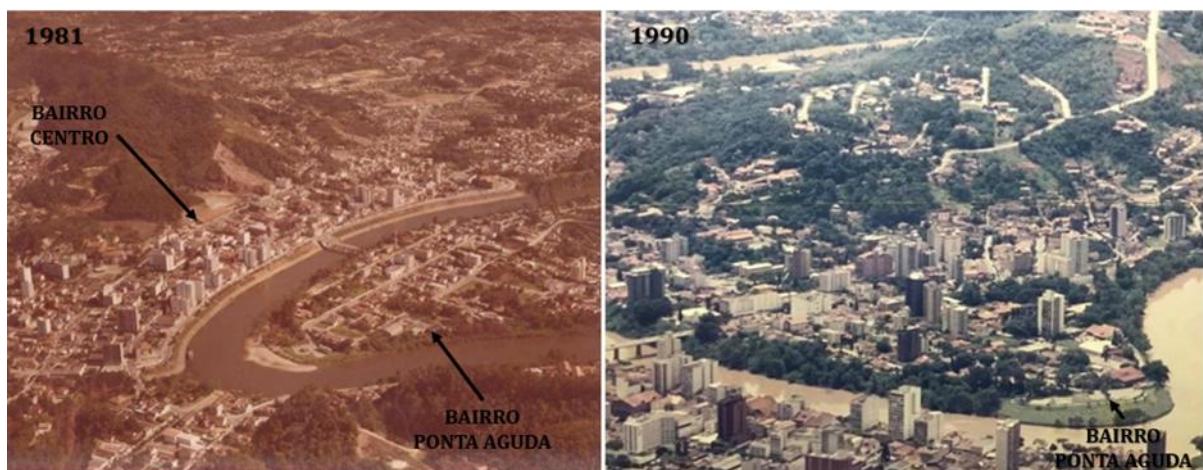


Figura 7 – Evolução da verticalização no bairro Ponta Aguda, 1981-1990

Fonte: Pires (2024).

Na contramão do que se observava na região central, os assentamentos precários dos anos 1980 e 1990 moldaram uma Blumenau horizontal e descentralizada, sobretudo na região norte. Há, portanto, em vigor nas duas últimas décadas do século XX, um padrão de crescimento em Blumenau que afasta as camadas populares da região central – melhor equipada. Essa dispersão urbana dos loteamentos periféricos gera uma “cidade desconcentrada” e que se estende em “um padrão de crescimento que não atende aos interesses do morador de baixa renda”, pois eleva o custo unitário de instalação de equipamentos e infraestrutura urbana, aumenta-se o custo e o tempo no deslocamento cotidiano entre casa e trabalho, “consequências que só podem piorar o nível de vida dos trabalhadores” (Bonduki; Bonduki, 1982, p. 153).

Repercussões das enchentes no setor industrial

Algumas indústrias, cansadas dos recorrentes danos por conta das sucessivas enchentes, transferiram suas unidades de produção para outros locais, a maioria para municípios vizinhos e conurbados, como Gaspar e Indaial, menos atingidos – em comparação a Blumenau – pelas grandes cheias de 1983 e 1984. Outras indústrias,

como a Johnson & Johnson e a Blumalhas, optaram por encerrar permanentemente suas atividades fabris (Siebert, 2006).

De acordo com Siebert (1999), as indústrias atingidas pelas enchentes se utilizaram de duas estratégias para enfrentá-las: 1) a relocação, como foi o caso das indústrias Sacoplás, Altenburg, Dudalina e Albany, que transferiram suas unidades de produção para outras regiões da cidade ou municípios vizinhos, buscando não apenas acessibilidade, mas, também, fugir das recorrentes cheias que ainda atingem Blumenau, sobretudo a região central (Figura 8); e 2) a construção de diques e comportas, como foi o caso da Teka e da Companhia Catarinense de Transportes, que construíram grandes muros e diques de concreto para proteger suas instalações.

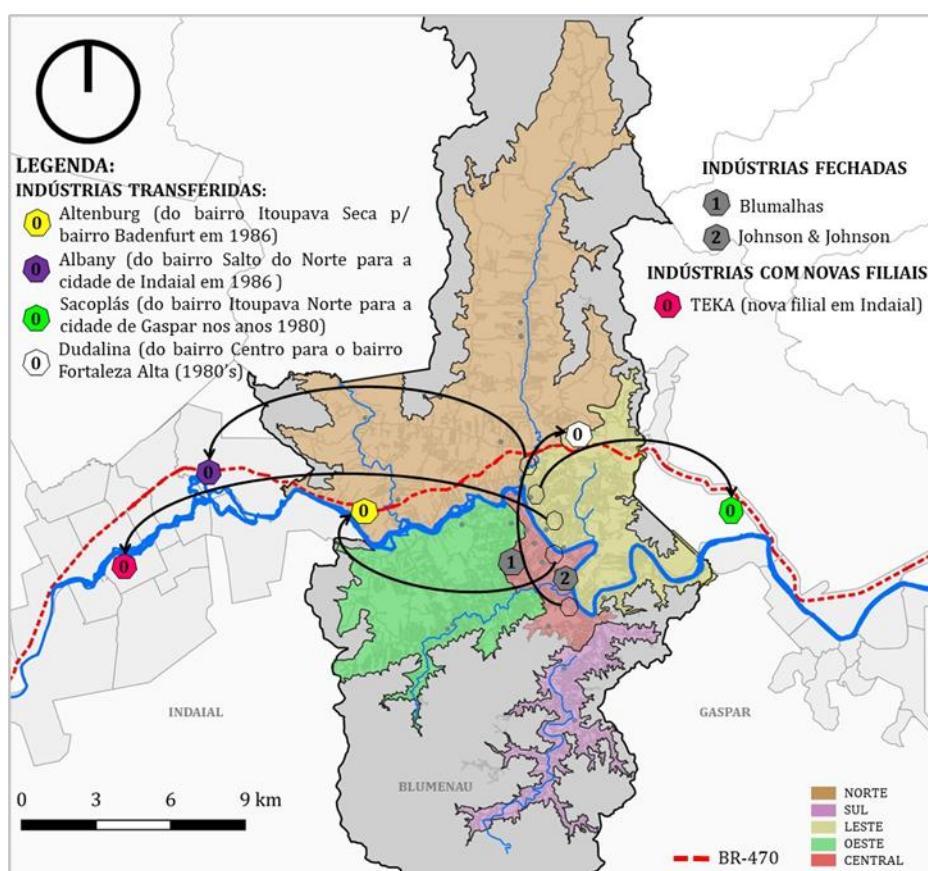


Figura 8 – Deslocamento das indústrias em Blumenau e área conurbada, 1980-1990

Fonte: Pires (2024).

Alguns terrenos e estruturas de indústrias que se deslocaram ou fecharam as portas nesse período ainda permanecem ociosos. De acordo com Bielschowsky (2009, p. 173), as terras que antes do processo de reestruturação abrigavam a produção das indústrias, sobretudo aquelas localizadas na região central, estão “à disposição da especulação imobiliária, que aguarda maior valorização dos terrenos com a retirada

das últimas unidades industriais deste espaço urbano e a liberação para a construção de torres residenciais ou comerciais com maiores gabinetes por parte do poder público local”.

As novas indústrias, como forma de prevenção a enchentes, buscaram áreas mais altas, em especial na região oeste, cujas vias alagadas pelas grandes enchentes representavam apenas 13,72% do total do município, o segundo menor índice, atrás apenas da região norte (Pires, 2024). Em 1980, as indústrias localizadas na região oeste correspondiam a 24,73% do total do município e saltou para 32,45% em 1991, ocupando o posto de região mais industrializada da cidade, que até então pertencia à região central, que teve sua representação do setor industrial reduzida de 27,84%, em 1980, para 17,40% em 1991 (Pires, 2024).

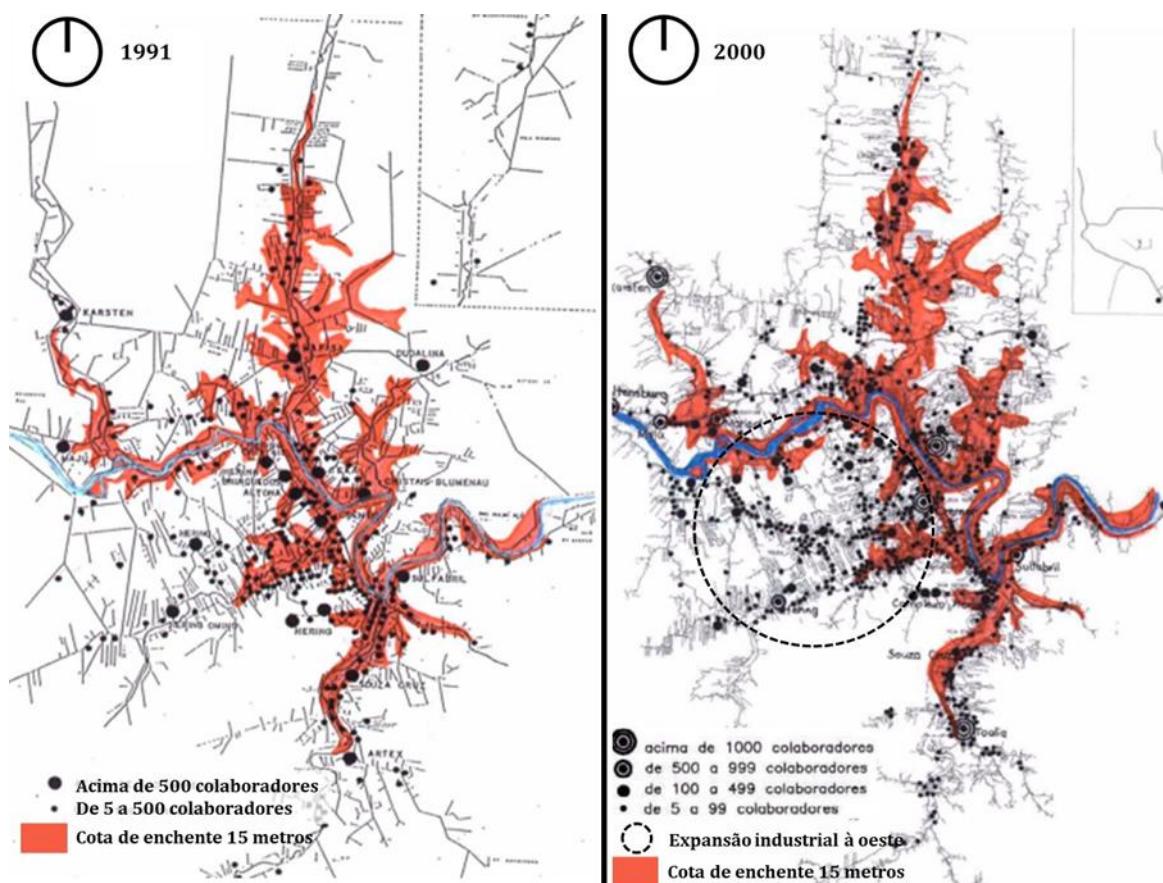


Figura 9 – Expansão das indústrias em Blumenau, com destaque para a região oeste, 1991-2000

Fonte: Pires (2024).

A queda no percentual de indústrias na região central pode ser explicada não apenas pelo estrangulamento da malha viária, que dificultava a circulação de caminhões, mas pela dimensão da enchente na região, que mesmo possuindo o menor número

de vias do município, representou 26,45% do total de ruas alagadas na cidade, atrás apenas da região leste (30,27%). A região norte, por outro lado, mesmo sendo a menos suscetível, correspondendo a apenas 10,89% do total de vias alagadas em 1983 e 1984, permaneceu sendo a menos industrializada de Blumenau, inclusive registrando uma pequena redução em sua representação industrial em relação ao total do município, de 16,80% em 1980 para 16,34% em 1991 (Pires, 2024).

O processo de reestruturação produtiva em Blumenau

Em Blumenau, os investimentos de capital estrangeiro tiveram início em 1975, com a instalação da empresa multinacional Albany Internacional, que na época tinha sede em Nova Iorque (Siebert, 2006). Outra grande mudança foi a entrada de investimentos externos em indústrias já existentes, que passaram de caráter familiar para sociedade anônima, como aconteceu com a Artex, antiga Empresa Industrial Garcia, que por décadas pertenceu à família Zadrozny e foi adquirida pela mineira Coteminas em 1997 (Vidor, 1995).

Embora as grandes enchentes tenham exercido papel significativo na descentralização industrial de Blumenau, o fator que mais repercutiu nesse processo foi a reestruturação produtiva. Indústrias como a Cia. Hering, que manteve seu parque fabril na cidade mesmo após as grandes enchentes, buscou ampliar seu processo de produção nesse período e abriu filiais em cidades da região nordeste do país (Siebert, 2006). De acordo com Siebert (2006, p. 202), em Blumenau “nenhuma empresa passou incólume pelo processo de reestruturação produtiva”. O município, assim como toda a região do Vale do Itajaí, “não sucumbiu – não se desindustrializou ou desnacionalizou. Ela conseguiu, a duras penas, adaptar-se ao novo modo de produção flexível, e emergiu mais forte, menos vulnerável, deste processo” (Siebert, 2006, p. 202). Entretanto, o processo de reestruturação produtiva foi doloroso em Blumenau, sobretudo para a classe operária, pois foi

movido a falências, demissões, automação e subcontratação, com o consequente ônus social da precarização das relações de trabalho. As empresas buscaram competitividade, terceirizando não apenas partes do processo produtivo e setores administrativos, mas também terceirizando, para o trabalhador, o risco inerente à atividade empresarial. Na informalidade, ou subcontratado, o trabalhador deixa de ser uma despesa fixa e pode ser descartado quando o mercado se retrai, sendo chamado novamente quando surgem novos pedidos (Siebert, 2006, p. 202).

As repercussões socioespaciais do processo de reestruturação produtiva

O intenso fluxo migratório em direção a Blumenau nas décadas de 1960, 1970 e 1980, quando o crescimento anual da sua população era de 6,1% e 5,4%, respectivamente, foi impulsionado pela busca de emprego diante do vigoroso

processo de industrialização pelo qual a cidade passou nesse período. Além disso, as políticas discursivas e desenvolvimentistas promovidas e praticadas pela administração pública também contribuíram para atrair força de trabalho (Moretti, 2006).

A partir dos anos 1980, os efeitos da crise de 1973 e da globalização intensificaram a pobreza e acentuaram as desigualdades nas cidades brasileiras (Arretche, 2015), inclusive em Blumenau (Samagaia, 2010; Pires, 2024). Foi nesse mesmo período – impulsionado também pelas enchentes – que começaram a surgir com maior frequência os numerosos assentamentos precários em Blumenau. Singer (1968) já havia advertido que a excessiva dependência do setor têxtil representava uma vulnerabilidade que, em algum ponto da história política e econômica, poderia ter repercussões socioespaciais significativas em Blumenau.

A partir dos anos 1980, sobretudo na década seguinte, Blumenau apresentou um “crescimento mais lento do número de emprego e mais acelerado do número de empresas industriais, causado pelo processo de terceirização do processo produtivo” (Siebert, 2006, p. 110). Conforme Pires (2024), o número de estabelecimentos industriais subiu em Blumenau de 643 para 1.695 entre 1980 e 1991, um aumento de 163,61%. Esse número expressivo de indústrias, entretanto, deve ser observado com cautela, pois 75,95% do total contava com até quatro funcionários e absorviam apenas 5,2% da mão de obra industrial. O número de indústrias têxteis com menos de 100 funcionários também aumentou, de 15 unidades em 1958, para 1.428 em 2000, o que representava 97,9% do total (Siebert e Otte, 2002).

As transformações ocorridas na indústria de Blumenau, especialmente no setor têxtil e, sobretudo, em decorrência da imposição global dos princípios do sistema normativo político e econômico neoliberal, resultaram na expansão e aumento no número de pequenas indústrias já nos anos 1980, a maioria delas formada por funcionários demitidos das grandes indústrias, que passaram a prestar serviços – agora sem os direitos trabalhistas, com os salários reduzidos e precárias condições de trabalho – para os seus antigos empregadores (Siebert, 2006).

A expansão da indústria no espaço intraurbano

Embora Blumenau não tenha desindustrializado ou desnacionalizado com a imposição global dos princípios do sistema normativo político e econômico neoliberal, e inclusive conseguido “se manter competitiva às custas de um doloroso processo de reestruturação produtiva, movido a falências, demissões, automação e subcontratações” (Siebert, 2006, p. 202), as consequências socioespaciais foram bastante significativas. Muitas indústrias procuraram transferir suas unidades para terrenos localizados nos principais eixos de escoamento da produção da cidade, o norte-sul, na SC-474 e, principalmente, o leste-oeste, na BR-470, não apenas por conta das enchentes, mas em função do direcionamento que o município vinha

dando para o crescimento para a região norte em sua legislação urbanística (Pires, 2024). Com terrenos mais baratos ao norte, o que possibilitaria maior lucro, muitos industriais transferiram suas unidades para as proximidades da rodovia BR-470. Além disso, a escolha da rodovia como localização das indústrias no período de reestruturação produtiva se dava por diversos outros fatores:

A acessibilidade, essencial para a logística das empresas em termos de escoamento da produção e recebimento de insumos; a segurança de uma área não inundável; a garantia do zoneamento do Plano Diretor para futuras expansões; a disponibilidade de terrenos a preço razoável; e a liberação das restrições de interferência com a vizinhança, por não se tratar de uma área residencial (Siebert, 2006, p. 180).

O setor têxtil, que empregava cerca de 40 mil trabalhadores no município no final dos anos 1980, reduziu para 25 mil postos no ano 2000, o que representa uma queda significativa de 37,5% (Simão, 2000). Em 1992, a indústria têxtil de Blumenau pagava em média 6,5 salários-mínimos para os funcionários, tendo como exigência seis anos de estudo. Em 2001, a média de remuneração caiu para 3,2 salários-mínimos e o tempo de estudo exigido aumentou para 7,5 anos (Samagaia, 2010). O aumento da pobreza se deve, sobretudo, à elevação na concentração de renda no município (Simão, 2000). Entre 1991 e 2010, Blumenau mais do que dobrou a geração de riqueza, entretanto, a distância entre ricos e pobres aumentou. Os 20% mais pobres, que continham 5% da renda gerada na cidade em 1991, detinham apenas 4,5% em 2000. Já os 10% mais ricos, que detinham 35% da renda em 1991, avançaram para 39% em 2000 (Pires, 2024).

Entre 1984 e 1991, o número de pessoas com renda de até um salário-mínimo aumentou em três das cinco regiões da cidade: de 18,30% para 24,19% na região norte; de 19,60% para 30,88% na região leste, e de 13,57% para 21,80% na central (Vidor, 1993). O aumento na região central, conforme Tapia (1991), pode ser explicado pelo crescimento no número de estabelecimentos comerciais e de serviços e também pela expansão do assentamento precário Morro da Pedreira. As regiões que mais se industrializaram, por outro lado, apresentaram decréscimo, ou seja, o número de pessoas ganhando baixos salários diminuiu: a região sul passou de 17% para 16,49%, enquanto na região oeste a redução foi bastante significativa: de 33,40% para 21,49% (Vidor, 1993).

O empobrecimento e a concentração de renda, promovidos pela imposição global dos princípios do sistema normativo político e econômico neoliberal e pelo processo de reestruturação produtiva nos anos 1980 e 1990, aumentaram significativamente o desnível de renda da população de Blumenau entre 1991 e 2000. Se em 1991 cerca de 50% da população recebia até três salários-mínimos e 40% recebiam entre seis e 10, em 2000 esses números caíram significativamente, e

quase 70% da população passa a receber em média três salários-mínimos. A concentração de renda, por outro lado, manteve-se na região central (Pires, 2024).

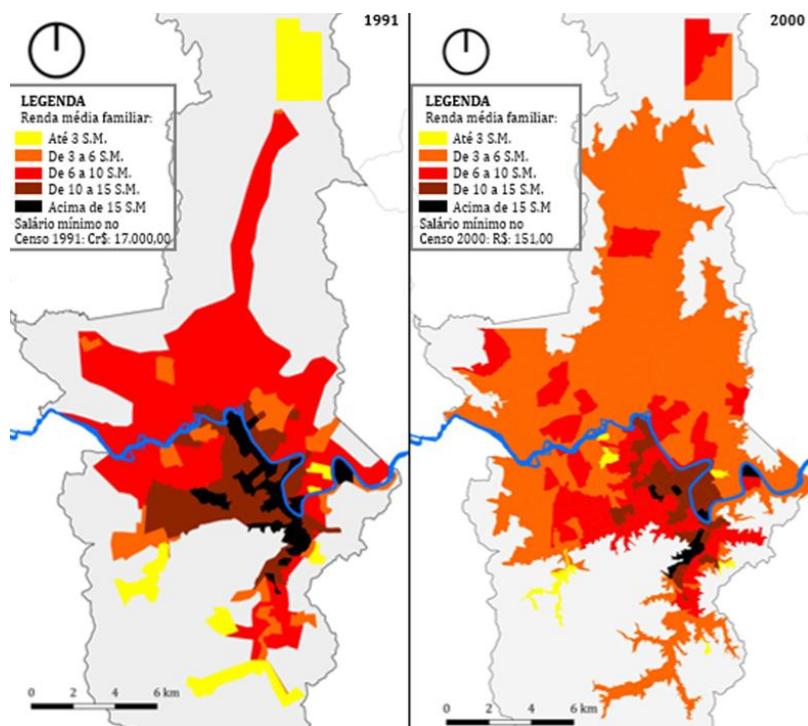


Figura 10 – Distribuição da população por rendimento em 1991 e 2000

Fonte: Adaptado de Pires (2024).

Além da concentração de renda, a região central de Blumenau foi a única que não apresentou significativo aumento no número de assentamentos precários entre 1980 e 1999 (Pires, 2024). As regiões que estagnaram ou tiveram redução no percentual de indústrias em seu território foram as que apresentaram maior aumento nas áreas de pobreza: enquanto o percentual representativo do número de indústrias na região norte reduziu de 16,80% em 1980, para 16,34% em 1991, o número de assentamentos precários aumentou em 300% durante o mesmo período. Na região oeste o cenário foi inverso, pois tornou-se a mais industrializada da cidade: registrou um aumento significativo de 409% no número de indústrias em seu território enquanto o saldo de assentamentos precários cresceu 166%, o que, embora seja significativo, representa menos da metade do incremento registrado no total de indústrias (Figura 11) (Pires, 2024).

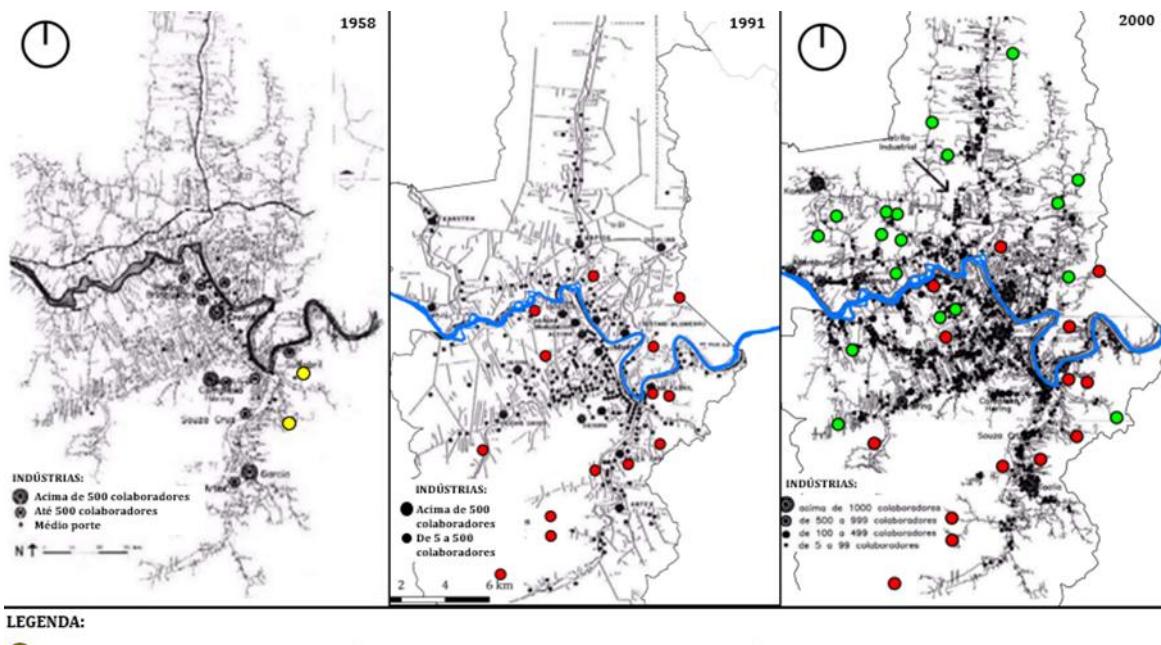


Figura 11 – Localização dos assentamentos precários e expansão das indústrias entre 1958 e 2000

Fonte: Adaptado de Pires (2024).

De acordo com o professor de Sociologia Urbana da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Jorge Barbosa Gustavo de Oliveira, em entrevista concedida ao Jornal de Santa Catarina em fevereiro de 2007, muitos moradores “se mudaram para as favelas ao perder poder aquisitivo, na década de 1980, com o processo de reestruturação da indústria têxtil, que adotou a terceirização dos serviços” (Jornal de Santa Catarina, 2007, p. 17). Para Siebert (2006, p. 195), a estratégia de terceirização adotada pelo parque industrial de Blumenau resultou em alterações no espaço urbano residencial, com centenas de microempresas e facções têxteis, formais ou informais, funcionando em áreas residenciais na situação conhecida como “fundo de quintal”, o que explica a proximidade de indústrias de pequeno porte com as áreas residenciais de baixa renda, algumas delas inclusive localizadas dentro dessas áreas.

Embora os deslocamentos entre moradia e trabalho industrial fossem relativamente facilitados em Blumenau para diversas camadas sociais, devido à proximidade das indústrias com as residências em todas as regiões da cidade, o mesmo não se aplica ao setor terciário. Em 1980, cerca de 45,30% do total dos estabelecimentos de serviços do município estava localizado na região central, assim como 40,25% do comércio. Mesmo com o setor terciário em ascensão a partir dos anos 1980, o número de estabelecimentos comerciais e de serviço cresceu pouco em todo o território de Blumenau, com exceção da região central, que em 1991 detinha 39,52% dos estabelecimentos de serviço do município e 31,19% do comércio (Pires, 2024).

Ou seja, as melhores localizações intraurbanas em Blumenau eram – e ainda são – os bairros centrais (Pires, 2023; 2024). Assim, portanto, as camadas de baixa renda despendiam – e ainda despendem – maiores custos e tempo de deslocamento, o que amplia as desigualdades socioespaciais e evidencia um processo de segregação socioespacial bastante predatório que segue em curso.

Os efeitos socioespaciais das grandes enchentes e do processo de reestruturação produtiva repercutiram no processo de estruturação intraurbana de Blumenau e ainda repercutem na sua dinâmica socioespacial, resultando numa clara distinção entre o espaço dos mais pobres e o espaço dos mais ricos: a periferia e os bairros centrais. As transformações econômicas, ambientais e sociais pelas quais o município passou ao longo da sua histórica repercutiram significativamente no espaço intraurbano.

A ampliação das desigualdades e da segregação socioespacial em Blumenau, cabe aqui destacar, não são processos exclusivos do século XX. Conforme evidenciou Pires (2023), programas habitacionais como o Minha Casa Minha Vida (PMCMV) foi a resposta fornecida pelo Estado para as camadas de baixa renda que perderam suas casas após eventos socioambientais do século XXI, como o desastre de 2008, que assolou Blumenau e todo o Vale do Itajaí, e a enchente de 2011. No entanto, essa resposta do Estado para os atingidos resultou na ampliação da segregação e das desigualdades, visto que a moradia fornecida, além da baixa qualidade estrutural, estava distante dos bairros centrais, que historicamente detém as melhores infraestruturas e equipamentos urbanos.

Considerações finais

As análises efetuadas nos permitiram observar que, frente às enchentes e à crise econômica, o capital industrial conseguiu recuperar-se da crise por meio do processo de reestruturação produtiva. As camadas populares, no entanto, não tiveram a mesma chance. Enquanto o capital industrial se reerguia, descentralizava-se e também terceirizava sua produção – o que culminou no surgimento de centenas de indústrias de pequeno porte em Blumenau –, as camadas populares se viraram como puderam: tiveram que buscar moradia em terras mais seguras e que não fossem do interesse do capital imobiliário, pois não tinham condições econômicas e políticas de disputar as melhores localizações com a classe dominante.

Foram, portanto, as camadas de mais baixa renda as que mais se deslocaram no espaço intraurbano de Blumenau. A necessária e vital busca por essas localizações, ignoradas pelo mercado, aconteceram sem o apoio do Estado, pois não havia uma política habitacional que saísse dos papéis e se efetivasse, o que resultou na produção de diversos assentamentos precários, transformando a paisagem urbana de áreas até então pouco adensadas em Blumenau.

As camadas de alta renda, por meio do controle do Estado, conseguiram permanecer na região central, a mais bem equipada de serviços e de infraestrutura urbana da cidade. Do ponto de vista da classe dominante, pode-se afirmar que ela foi bem-sucedida em produzir uma estrutura segregada em Blumenau. Mesmo tendo se apropriado da região central, uma área suscetível a enchentes, conseguiu manter nela a sua permanência por meio de instrumentos como o zoneamento. Essas ações contribuíram para tornar hegemônico o projeto de cidade da classe dominante. Ou seja, em Blumenau houve uma autossegregação das elites, promovida e produzida por ela mesma, de acordo com seus interesses. Deve-se ressaltar, aqui, que os resultados observados neste artigo vão ao encontro das colocações de Villaça (1998, p. 320), de que “são as burguesias que escolhem a localização e direção de crescimento de seus bairros”. Blumenau se apresenta, portanto, historicamente, como uma cidade desigual e segregada, e embora essas desigualdades não estejam explícitas no espaço urbano, elas se fazem presentes por trás dos diversos morros que compõem a sua paisagem.

Referências

BLUMENAU. Processo de revisão do Plano Diretor de Blumenau. Relatório da leitura da cidade. Blumenau, 2005.

BLUMENAU. Código de zoneamento e de uso e ocupação do solo. Blumenau, 1977. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1977/225/2242/lei-ordinaria-n-2242-1977-institui-o-codigo-de-zoneamento-e-de-uso-do-solo-no-municipio-de-blumenau>. Acesso em: 18 de março de 2024.

BACK, C. Os limites e contradições da aplicação dos instrumentos do Estatuto da Cidade em Curitiba e Blumenau: “transferência do direito de construir” e “Outorga Onerosa do Direito de Construir”. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – PPGEA, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2004.

BARRETO, A. 1983: a grande enchente. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XLIV, jul./ago., 2001.

BIELSCHOWSKI, B. B. Patrimônio industrial e memória urbana em Blumenau/SC. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – PPGAU, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BRENNER, N.; PECK, J.; THEODORE, N. Após a neoliberalização? **Cadernos Metrópole**, v. 27, n. 14, p. 15-39, 2012.

FERREIRA, J. S. W. **São Paulo**: o mito da cidade global. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FILGUEIRAS, L. “O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico”. In: BASUALDO, E. M.; ARCEO, E. **Neoliberalismo y sectores dominantes**: tendencias globales y experiencias nacionales. Buenos Aires: Clacso, 2006.

HARVEY, D. **Condição pós moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1996.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

IBGE. **Censo demográfico do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1980.

IBGE. **Censo demográfico do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1991.

IBGE. **Censo demográfico do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000.

IBGE. **Censo demográfico do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022.

JORNAL DE SANTA CATARINA. **Para onde foi a favela**. Ano XXXV, n. 10.901. Blumenau, 2007.

MARICATO, E. “Autoconstrução, a arquitetura possível”. In: MARICATO, E. (Org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.

MORETTI, S. **Fábrica e espaço urbano**: A influência da industrialização na formação dos bairros e no desenvolvimento da vida urbana em Blumenau. Dissertação (Mestrado em Geografia) – PPGGEO, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista**: o ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003. 150p.

PESCHKE, M. S. A. **Horto florestal**: favela? ocupação clandestina? ou loteamento? TCC (Bacharelado em Ciências Sociais) – Curso de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Regional de Blumenau, 1992.

PIRES, D. C. F. O Programa ‘Minha Casa, Minha Vida’ como instrumento de produção de segregação socioespacial em Blumenau-SC. **Cadernos do CEAS**, Revista Crítica de Humanidades, v. 48, n. 260, p. 655-688, 2023.

PIRES, D. C. F. **O processo de produção das desigualdades socioespaciais em Blumenau (1980-2023)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – PPGAU, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

SAMAGAIA, J. **Globalização e cidade**: reconfigurações dos espaços de pobreza em Blumenau/SC. Tese (Doutorado em Geografia) – PPGGEO, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1980.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SIEBERT, C. **A evolução urbana de Blumenau**: o (des)controle urbanístico e a exclusão socioespacial. Dissertação (Mestrado em Geografia) – PPGGEO, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

SIEBERT, C. **Indústria e Estado**: a reestruturação produtiva e o reordenamento territorial do Médio Vale do Itajaí. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – PPGGEO, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SIEBERT. C.; OTTE, M. **O papel da indústria na produção do espaço urbano de Blumenau** (= Relatório de Iniciação Científica). Blumenau: FURB, 2002.

SIMÃO, V. **Desemprego e sobrevivência**: alternativas de trabalho. Blumenau: Edifurb, 2000.

TAPIA, M. **Blumenau**: demanda de transporte coletivo urbano. TCC (Bacharel em Ciências Econômicas) – Curso de Ciências Econômicas, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 1991.

VIDOR, V. **Industrialização e urbanização do nordeste de Santa Catarina**. Blumenau: Ed. FURB, 1995.

VIDOR, Vilmar. **Análise socio-econômica da população urbana de Blumenau.** Blumenau: FURB, 1993.

VILLAÇA, F. **O espaço intraurbano no Brasil.** São Paulo: Global, 1998.

Data de submissão: 08/11/2024

Data de aprovação: 24/06/2025

Revisão: Daniela Matthes (português), Ana Clara Medina Menezes de Souza (inglês) e Yanet María Reimondo Barrios (espanhol).

Donizete Correa Franco Pires

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/Universidade de São Paulo

Avenida Trabalhador São-Carlense, 400

13566-590 São Carlos/SP, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1916-7102>

E-mail: donizetepires@usp.br